

SONETOS ANTIGOS

CRUZ FILHO

O MUNDO ANTIGO

*FOI por aqui que um dia transitaram
As sanguinárias gerações remotas,
Como um ribombo de estridentes notas
Que o concêrto da História perturbaram.*

*Hifaso, Tróia, Babilônia — rotas
Que no mapa da Terra elas traçaram,
Dormem sôbre os heróis que as conquistaram,
Na grande paz das solidões ignotas.*

*Surgem das ruínas macilentos vultos,
— Raças, Impérios, Tiránias, Cultos,
E o gênio grego sob os céus se expande...*

*Perpassam Rêis de gigantesco porte,
Vapora a terra um hálito de morte,
E tudo fala de Alexandre o Grande.*

O ARMISTÍCIO

*ENTRE os muros da enorme Babilônia
O herói, filho de Zeus, jaz moribundo:
Raiva a seus pés o Tártaro iracundo,
Num trejeito de insídia e de acrimônia.*

*E enquanto freme, em tumultuosa insônia,
A cidade de Bel, sob um céu fundo,
Ante a Falange que aterrara o mundo
Fecha o áureo ciclo o sol da Macedônia.*

*Entre as visões do pesadelo extremo,
Ordena o herói, volvendo o olhar supremo
E a Lisímaco alçando as mãos vazias:*

— *“Vai dizer à vil Parca o que sucede
E que Alexandre a Terra lhe concede
Em troca do armistício de cem dias!”*

EGITO

*Êste é o país das veneráveis lendas,
Dos Ramsés, dos Lagidas, dos flagícios
De Nitócris, dos pétreos edifícios
E das bronceas Esfinges estupendas.*

*O herói da Macedônia armou as tendas,
Aqui, entre clangores e epinícios;
Celebraram-se, ali, vãos sacrifícios
A Divindades tétricas e horrendas.*

*Tudo passou! Mas quando aos cinerários
Iluminam do luar os raios frios,
Surgem múmias dos fossos funerários;*

*E, num revoar de negrejantes clâmides,
A procissão dos Faraós sombrios
Roja-se aos pés das fúnebres Pirâmides.*

H O M O

*Desde que aqui surgiu, já não se sabe quando,
Circunvagando o olhar perscrutador e atento,
Entre o jardim terrestre e o azul do firmamento,
Pousou-lhe, em derredor, das Quimeras o bando.*

*Deu-lhe o pródigo Sol o calor doce e brando,
Deméter e Pomona a vida, a fôrça, o alento,
Horizontes, o mar... rebeldias, o vento...
E a Natureza inteira a paixão de comando.*

*Presto, o proscrito real do presídio da Terra
Paira livre, no céu, e em si próprio se encerra,
— Maravilhoso deus, negro e sinistro bicho!*

*E quando morto cai — é plantas olorosas,
Transmutado que foi num canteiro de rpsas,
Em rica floração sôbre um combro de lixo.*

V O X N A T U R A E

*Diante do imenso mar, exagitado e insano,
O homem, sombrio herói, foi meditar um dia
Sôbre o fluir e o refluxo do pensamento humano,
— Desaçamado leão, em fúria e rebeldia.*

*E enquanto a noite ampliava o império soberano
Por sôbre a pobre Terra amargurada e fria,
Ao concerto da voz do tumultuoso oceano,
Às vastas solidões o ingênuo Anteu dizia:*

*— “Infinito glacial! Suprema Natureza!
Homem, suposto rei da imensidade acesa,
Terei de aqui findar, como o molusco informe?”*

*Mas logo ouviu gemer, pela amplidão enorme,
Das coisas imortais a grande voz fraterna:
— “Eterno hás de viver na Natureza eterna!”*